

# O léxico agropastoril no corpus do Tesouro do Léxico Patrimonial Galego e Português

The agropastoril lexicon on the Galician and Portuguese  
lexical heritage corpus

DOI: <https://doi.org/10.24206/lh.v5iEspecial2.26788>

*Marcelo Pires Dias*

Possui Doutorado em Linguística pela Universidade Federal do Pará (UFPA) e Licenciatura Plena em Letras - Habilitação em Língua Portuguesa (UFPA). Atuou como Pesquisador Visitante no Instituto da Língua Galega (ILG) na Universidade de Santiago de Compostela (USC/Espanha) e como professor de Língua Portuguesa do Colégio Militar de Belém (CMBEL). Atualmente é professor Adjunto da Faculdade de Etnodiversidade (FacEtno/UFPA).

E-mail: [mpdias@live.com](mailto:mpdias@live.com)

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7129-1322>

## RESUMO

Este artigo tem como objetivo apresentar um estudo comparativo de acepções de variantes léxicas presentes no Brasil e as variantes registradas no Português Europeu e no Galego. Para realizar o levantamento de variantes, partimos do uso da ferramenta eletrônica pertencente ao projeto *Tesouro do Léxico Patrimonial Galego e Português* (ÁLVAREZ, 2017), ferramenta esta que nos permite consultar variantes e lemas de obras de cunho dialetal e lexicográfico. Tomaremos como base para este estudo sete itens lexicais pertencentes ao campo semântico da agricultura/atividades agropastoris, a saber: *angu*, *canga*, *espiga*, *moringa*, *paneiro*, *penca* e *sabugo*. O mapeamento dessas variantes visa observar o status das acepções, se são comuns ou distantes nos três territórios (Brasil, Portugal e Galícia).

**Palavras-chave:** Dialectologia. Léxico. Tesouro. Variação. Agropastoril.

## ABSTRACT

This article aims to present a comparative study of lexical variants present in Brazil and the variants registered in European Portuguese and Galician. To carry out the variants' survey, we used the electronic tool belonging to the *Tesouro do Léxico Patrimonial Galego e Português* project (ÁLVAREZ, 2017). This tool allows us to consult variants and terms of dialectal and lexicographic works. We will take as base for this study seven lexical items belonging to the semantic field of agriculture and agropastoral activities, namely: *angu*, *canga*, *espiga*, *moringa*, *paneiro*, *penca* and *sabugo*. The mapping of these variants aims to observe the status of their meanings, whether common or distant in the three territories (Brazil, Portugal and Galicia).

**Keywords:** Dialectology. Lexicon. Thesaurus. Variation. Agropastoral.

## Introdução

O presente artigo traz à tona um estudo descritivo-comparativo de variantes registradas no Brasil, por meio de trabalhos de cunho lexical, ao lado das variantes presentes no português europeu (Portugal) e no galego (língua oficial da Comunidade Autónoma da Galícia). Por meio deste estudo, iremos discorrer sobre as acepções de itens lexicais presentes nos três territórios/países (Brasil, Portugal e Galícia), mensurando a proximidade ou distância nessas acepções, com o intuito de traçar a difusão de formas e significados através do olhar dialetológico. Trata-se de um estudo experimental, que visa explorar a funcionalidade da ferramenta do *Tesouro do Léxico Patrimonial Galego e Português* (TLPGP) e o material lexical compilado nas três localidades.

Este trabalho visa também explorar o material disponibilizado pela ferramenta do projeto *Tesouro do Léxico Patrimonial Galego e Português*, projeto no qual a Universidade Federal do Pará (UFPA) se insere, por meio de acordo de cooperação internacional firmado junto ao Instituto da Língua Galega, pertencente à Universidade de Santiago de Compostela, tendo contribuído até o momento com a catalogação de 10 (dez) obras oriundas da região Norte do Brasil. Nas próximas seções, detalharemos os procedimentos metodológicos utilizados na elaboração deste trabalho, assim como o funcionamento e as funcionalidades da ferramenta do TLPGP e, em seguida, apresentaremos as acepções encontradas para as variantes *angu*, *canga*, *espiga*, *moringa*, *paneiro*, *penca* e *sabugo*, variantes registradas em pelo menos dois países/territórios integrantes do projeto.

### 1. Procedimentos metodológicos

Para a seleção dos dados analisados neste artigo, utilizamos a ferramenta informática elaborada pelo Instituto da Língua Galega e pertencente ao projeto *Tesouro do Léxico Patrimonial Galego e Português* (TLPGP). A ferramenta dialetológica do TLPGP permite a consulta de um extenso vocabulário compilado, contendo variantes lexicais registradas no Brasil, em Portugal e na Galícia, especificamente aqueles trabalhos de cunho lexicográfico e dialetológico.

De acordo com Álvarez de la Granja e Negro Romero (2015, p. 849):

O vocabulário compilado, em contínuo enriquecimento, extrai-se de fontes de diversos tipos: dicionários e glossários, atlas linguísticos ou mesmo obras «redigidas» que recolhem léxico dialetal e explicam o seu significado. Esses trabalhos podem estar já publicados, mas o TLPGP se nutre especialmente de obras inéditas de difícil acesso, em boa medida trabalhos acadêmicos (teses, trabalhos de mestrado...). Dado que um dos objetivos principais do projeto é mostrar a distribuição das diferentes formas através dos territórios galego, português e brasileiro, é condição indispensável para a integração dos itens lexicais na base de dados que estes materiais estejam localizados geograficamente. A aplicação de consulta oferece a correspondente informação, com representação cartográfica associada.

A ferramenta do TLPGP propicia a consulta, em tempo real, do léxico comum aos três territórios/países, o que facilita a comparação, portanto, a partir do mapeamento das variantes. Dessa forma, podemos verificar se as acepções de uma mesma entrada lexical são diferentes ou semelhantes, ou mesmo se essas entradas pertencem ao mesmo campo semântico e se há variantes fonéticas. A busca realizada na ferramenta conta com filtros, em que podemos filtrar a localização geográfica, campo semântico, lemas e variantes, além de uma área em que podemos conferir os resultados da busca e a localização em mapas das variantes pesquisadas, como podemos observar na imagem a seguir:

Imagem 1 – Tela de busca da ferramenta do *Tesouro do Léxico Patrimonial Galego e Português*.<sup>1</sup>



Fonte: Álvarez (2017).

Essa ferramenta eletrônica agrega dados de fontes diversas, oriundos de atlas linguísticos concluídos, teses, dissertações, monografias, glossários, vocabulários compilados, dentre outros. Além

<sup>1</sup> Disponível em: <<http://ilg.usc.es/Tesouro/gl/axuda.html>>. Acesso em: 11 de nov. de 2017.

de informações essencialmente léxicas, também podemos encontrar exemplos de aplicação da variante em um determinado contexto e imagens que ajudam a enriquecer o material léxico e facilitam o entendimento por parte do usuário final da plataforma. É importante destacar que as obras que integram a ferramenta são inseridas pela equipe do projeto, depois da realização de catalogação criteriosa, seguindo critérios para lematização e classificação semântica definidos por pesquisadores de universidades que integram o projeto, conforme as diretrizes estabelecidas nos documentos orientadores.

Segundo Álvarez (2017), a ferramenta eletrônica possui atualmente 168 obras catalogadas, sendo 71 oriundas da Galícia, 56 de Portugal, 38 do Brasil e 2 pertencentes, conjuntamente, à Galícia e Portugal, totalizando por volta de 213.196 registros. Os dados de cunho lexical são disponibilizados em tempo real à medida que as informações são inseridas no Banco de Dados do projeto, após a catalogação.

Para este trabalho, optamos pela seleção de variantes pertencentes ao campo semântico das atividades agropastoris, por apresentarem registro em pelo menos dois países e pela pluralidade de registros deste grupo de variante.

## 2. Descrição dos dados

Após o levantamento de entradas comuns a pelo menos dois territórios, chegamos a seguinte listagem de itens lexicais: *angu*, *canga*, *espiga*, *moringa*, *paneiro*, *penca* e *sabugo*. Ao longo desta seção, descreveremos o quadro comparativo de cada um dos itens, observando as similaridades e as diferenças entre as acepções, assim como a origem etimológica daquelas variantes que possuem origem determinada.

### a) *angu*

O item lexical *angu* encontra-se registrado no TLPGP em duas obras, uma no Brasil (TONIOLO, 1981, p. 8) e outra na Galícia (CASTRO IGLESIAS, 2010). Os dois registros se aproximam, por pertencerem ao mesmo campo semântico (alimentação/produto de atividade agropastoril) e por serem subproduto do milho. A acepção registrada no Brasil apresenta maior detalhamento, especialmente no que diz respeito à consistência da substância (mole) e também remete à comparação com consistência da polenta: “A polenta é mais seca e o angu é mole” (TONIOLO,

1981, p. 8), já a acepção registrada na Galícia apresenta menor detalhamento, sem apresentar maiores especificações. Vejamos a seguir, a síntese das duas acepções encontradas na ferramenta:

Quadro 1 – Acepções registradas no TLPGP para o item lexical *angu*.

<i>Angu</i>	
Brasil	Alimento feito de farinha de milho (TONIOLO, 1981, p. 8)
Galícia	Massa de milho (CASTRO IGLESIAS, 2010)

Fonte: Álvarez (2017).

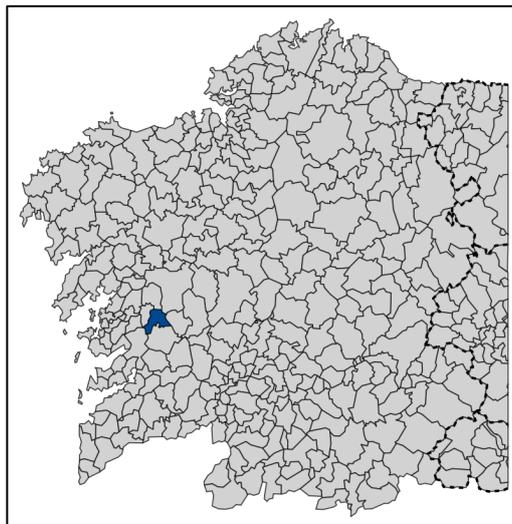
Como é possível observar nos dois resultados registrados, o item lexical *angu* apresenta acepções semelhantes tanto no Brasil quanto na Galícia. A lexia *angu*<sup>2</sup> é frequentemente incluída no rol das palavras de origem africana, que passaram a integrar o léxico da Língua Portuguesa. De acordo com Lopes (2012, p. 34), “trata-se de um étimo africano de origem controversa”, pois em determinadas línguas bantu “o elemento *ngu* entra na composição de vocábulos que correspondem ao ‘milho’, como *masangu* (quimbundo) e *hungu* (quimbundo, dialeto omumbuim)”. É importante destacar que o étimo *angu* não se encontra dicionarizado no Dicionário da Real Academia Galega (DRAG, 2012).

O étimo em questão é bastante utilizado no Brasil, já que constitui um dos elementos típicos da gastronomia brasileira, especialmente dos Estados de Minas Gerais, Rio de Janeiro e Bahia, a exemplo do “pastel de angu” e o “angu à mineira”.

Cabe ressaltar que o item *angu* figurou em uma única localidade da Galícia, intitulada Campo Lameiro, um pequeno município, pertencente à Província de Pontevedra e que possui mais de 80% de 1.984 habitantes galegofalantes, o que pode indicar um possível movimento de empréstimo linguístico. Vejamos no mapa a seguir a localização da Concello de Campo Lameiro:

<sup>2</sup> Angu: s.m. papa grossa feita com farinha de milho (fubá), de mandioca ou de arroz (AULETE, 2019).

Imagem 2 – Localização do Concello de Campo Lameiro.



Fonte: Álvarez (2017).

Presente no trabalho de David Francisco Castro Iglesias (2010), a lexia *angu* está registrada na obra inédita *O noso idioma galego ancestral*, que apresenta inúmeras palavras oriundas daquela região da Galícia. A catalogação desse registro na Galícia pode ter estreita relação com a imigração brasileira,<sup>3</sup> o que explica a presença dessa lexia não patrimonial galega.

b) *canga*

O item lexical *canga*<sup>4</sup> encontra-se registrado na ferramenta do TLPGP no domínio brasileiro, português e galego, e todas as acepções fazem referência ao utensílio de madeira usado para unir animais pelo pescoço ou para impedir que eles atravessem a cerca das propriedades rurais, portanto, podemos dizer que há semelhança entre as acepções catalogadas. Vejamos o quadro com o detalhamento dessas acepções, por território/país:

<sup>3</sup> A obra *A República dos Sonhos*, da escritora brasileira e descendente de galegos Nélda Piñon, retrata a epopeia da imigração galega para o Brasil e os laços construídos que interligamos dois países.

<sup>4</sup> *Canga*: s.f 1. Armação de madeira que junta dois bois pelo pescoço e os liga a carro ou arado; 2. Pau comprido que, colocado nos ombros de carregadores, serve para transportar objetos, fardos; 3. Antigo instrumento chinês de tortura que consiste em quadro de madeira com orifício central para prender o supliciado pelo pescoço. (AULETE, 2012).

Quadro 2 – Acepções registradas no TLPGP para o item lexical *canga*.

<i>Canga</i>	
Brasil	Armação de madeira do carro de boi utilizada para prender o pescoço dos bois. (CORRÊA, 2001, p. 22; LINO, 2000, p. 86; ROMANO, 2012)
Galícia	Peça de madeira utilizada no pescoço de porcos, para que eles não atravessassem as cercas (LÓPEZ FACAL, 1975, p. 260; ARAÚJO GARCÍA et al, 2006, p. 169; LOPEZ FERNÁNDEZ, 1969, p. 150)
Portugal	Jugo de madeira ou ferro utilizado para unir os bois (SILVA, M., 1972, p. 26; BAPTISTA, 1967, p.320; BRAGA, 1971, p. 263)

Fonte: Álvarez (2017).

Como podemos observar no quadro, as três acepções registradas no Brasil, as duas acepções encontradas no território português e as três acepções presentes em território galego apresentam aproximações. Apesar das semelhanças, em Braga (1971) tivemos uma “variante da armação de madeira, que pode ser feita de ferro”, informação que não é encontrada nos demais registros catalogados.

O étimo *canga* figura como dicionarizado no Dicionário da Real Academia Galega (DRAG, 2012), com as seguintes acepções: “*Aparello de madeira ao que se suxeita, polo pescozo ou pola cabeza, unha parella de animais de tiro para enganchalos ao carro ou ao arado*”, acepção que condiz com aquelas registradas no TLPGP.

### c) *espiga*

Registrado no Brasil, em Portugal e na Galícia, o item lexical *espiga*<sup>5</sup> apresentou, na consulta à ferramenta, acepções semelhantes no Brasil e na Galícia, fazendo referência ao produto agropastoril. Em Portugal e na Galícia, tivemos uma acepção a mais, não registrada no Brasil, que se refere a um dos elementos que integram o carro de boi, especificamente, o item que compõe a roda desse veículo de tração animal. Vejamos o detalhamento das acepções no quadro a seguir:

<sup>5</sup> Espiga: 1. Bot. Tipo de inflorescência em que as flores sésseis estão dispostas ao longo de um eixo central; 2. Bot. Haste terminal de algumas gramíneas, como o trigo e o milho, onde se situam os grãos; 3. Pequena raiz ou pele que se levanta junto à raiz das unhas; 4. Parte de uma peça que se encaixa no furo de outra (esp. parte afilada da haste de chave de fenda, lima etc. que penetra no cabo dessas ferramentas); 5. Tec. A parte situada entre a cabeça e a ponta de pregos, parafusos, rebites etc; 6. Astron. Tradicional designação dada à estrela alfa da constelação de Virgem; 7. P.ext. Fig. Pop. Contratempo, trabalho enfadonho, maçada: Que espiga! Eu não queria encontrar esse cara!; 8. MA Pop. Pej. Apelido que os maranhenses dão aos piauienses. (AULETE, 2012).

Quadro 3 – Acepções registradas no TLPGP para o item lexical *espiga*.

<i>Espiga</i>	
Brasil	Produto do qual se obtém o milho (DIAS, 2015)
Galícia	Parte do trigo, milho ou pão, do qual se retira o grão (CASTRO CASTEDO, 1986, p. 48); Parte do eixo do qual se sobressai a roda (TABOADA, 1971, p. 112)
Portugal	Peça encaixada no eixo da roda do carro de bois (NETTO, 1949, p. 120; PEREIRA, 1952, p. 129)

Fonte: Álvarez (2017).

Como podemos observar no quadro, a acepção de *espiga* que se refere a um dos itens que compõem a estrutura de um carro de boi é incomum no Brasil e quanto à origem, trata-se de um étimo de origem latina (*spicam*) (cf. AULETE, 2012). Destacamos que no dicionário galego (DRAG, 2012) o étimo *espiga* está registrado com as seguintes acepções: 1. *Froito alongado das gramíneas, composto de grans ou sementes dispostos ao redor dun eixe*; 2. *Inflorescencia formada pola reunión de flores unidas directamente a un eixe central*; e 3. *Extremo dun obxecto ou dunha peza, que encaixa noutra*. Como é possível perceber, as acepções guardam semelhanças com aquelas registradas no TLPGP.

d) *moringa*

O item lexical *moringa*, registrado apenas no Brasil e em Portugal, apresentou acepções semelhantes, pois as quatro entradas presentes no TLPGP fazem referência a objeto ou recipiente de barro, utilizado para armazenar água. É importante destacar que esse item lexical não foi registrado, até o momento, na Galícia. Vejamos o detalhamento das acepções no quadro a seguir:

Quadro 4 – Acepções registradas no TLPGP para o item lexical *moringa*.

<i>Moringa</i>	
Brasil	Recipiente de barro utilizado para guardar água em casa (ALPB, 141; TONIOLO, 1981, p. 21)
Portugal	Bilha de barro com dois bicos ou um gargalo e uma asa entre eles (SALGUEIRO, 1945, p.90; VIEIRA, 1960, p.91)

Fonte: Álvarez (2017).

Neste caso específico, temos a ocorrência de um étimo comum tanto no Brasil quanto em Portugal e que apresenta acepções semelhantes. Em ambos, ocorre a referência a um recipiente utilizado para armazenamento de água.

De acordo com Lopes (2012, p. 179), o item lexical *moringa* tem origem na língua *nhungue*, do grupo linguístico *bantu* e possui a acepção de “recipiente para armazenar água potável”, assim como as acepções catalogadas no TLPGP.

e) *paneiro*

O item lexical *paneiro*<sup>6</sup> apresentou duas acepções em Portugal, uma no Brasil e uma na Galícia. No Brasil, a acepção faz referência ao artefato produzido a partir do uso de palha trançada, utilizado para armazenar caranguejos (ou outros produtos oriundos do extrativismo ou da pesca), enquanto que, em Portugal, a variante em questão versa sobre uma prancha de madeira que protege o peixe nas embarcações, também utilizado para armazenar e resguardar a farinha dos roedores. Na Galícia,<sup>7</sup> a acepção remete a uma estrutura de madeira utilizada para guardar e proteger o pão. Vejamos o detalhamento das acepções no quadro a seguir:

Quadro 5 – Acepções registradas no TLPGP para o item lexical *paneiro*.

<i>Paneiro</i>	
Brasil	Artefato feito de palha trançada usado para armazenar caranguejos (MATOS, 2001, p. 130)
Galícia	Estrutura de madeira utilizada para armazenar e proteger o pão (ARAÚJO, 2006, p. 100)
Portugal	Prancha ou estrado de madeira que cobre o fundo da proa e da popa onde se põe o peixe, utilizado também para proteger a farinha (CALDEIRA, 1960, p. 321; REZENDE, 1961, p. 299)

Fonte: Álvarez (2017).

Identificamos divergências entre as acepções registradas no Brasil, Portugal e Galícia, pois no Brasil, *paneiro* é uma espécie de recipiente de palha utilizado para armazenar produtos oriundos do extrativismo, especialmente na região Amazônica. Em Portugal, as duas acepções divergem da acepção registrada no Brasil, uma vez que fazem referência a peças de madeira utilizadas para proteger produtos como a farinha e o peixe. Já na Galícia, a acepção remete também a uma estrutura de madeira utilizada para proteger o pão ou outros alimentos dos roedores, ainda que esteja dicionarizada no Dicionário da Real Academia Galega (DRAG, 2012) como “*persoa que fabrica ou vende panos*”.

<sup>6</sup> *Paneiro*: s.m. 1. espécie de cesto de vime com asas utilizado para transportar ou para guardar o pão; 2. bancada na ré dos barcos pequenos, destinada aos passageiros; 3. tábuas que se usam no fundo das embarcações pequenas, para apoio dos pés; 4. carruagem cuja caixa é feita de palhinha ou verga (DICIONÁRIO DE LÍNGUA PORTUGUESA, 2017).

<sup>7</sup> É importante destacar a presença da variante *panceiro*, registrada no TLPGP no território galego.

f) *penca*

A variante *penca*<sup>8</sup> apresentou duas acepções para cada território. No Brasil, as duas acepções registradas estão ligadas semanticamente ao fruto da bananeira, enquanto que, em Portugal, uma das acepções faz referência à parte anatômica do corpo humano (o nariz), e a outra acepção trata de “uma das divisões dum cacho”. Por fim, os dois registros localizados na Galícia remetem à patologia dermatológica – *mancha pequena de cor parda, que sae na cara ou noutras partes do corpo* – (LOUREDO, 2012), inclusive no nariz (ÁLVAREZ, 1974). Vejamos o detalhamento de cada uma das acepções presentes no TLPGP:

Quadro 6 – Acepções registradas no TLPGP para o item lexical *penca*.

<i>Penca</i>	
Brasil	Cada parte que se corta do cacho da banana que se tira para madurar (DIAS, 2015; PIZOLATO, 1997, p. 74)
Galícia	Mancha de cor escura que sai no rosto ou em outras partes do corpo (LOUREDO RODRÍGUEZ, 2012; ÁLVAREZ, 1974, p. 63)
Portugal	Cada uma das divisões do cacho da bananeira ou parte anatômica do corpo (nariz) (NUNES, 1965, p. 126; SILVA, 1972, p. 326)

Fonte: Álvarez (2017).

Como é possível observar no quadro anterior, as acepções registradas no Brasil estão em concordância, enquanto que, em Portugal, uma das acepções está diretamente ligada ao corpo humano, por fazer referência metafórica ao nariz, assim como as duas acepções registradas na Galícia.

Ao contrário de Portugal e da Galícia, o item lexical *penca* não é utilizado no Brasil com a acepção de nariz, no sentido figurado (e jocoso), portanto, temos um caso específico em que há uma acepção que deixou de ser utilizada em um país, como é o caso do Brasil, e continuou a ser utilizada em outras localidades, como Portugal e Galícia. Segundo Corominas (1987, p. 471-475), a origem do termo *penca* é incerta, e essa lexia (registrada na Galícia) tem também a acepção relacionada ao nariz (cf. DRAG, 2012) (o que equivaleria ao termo em língua portuguesa *sarda* que nada mais é que manchas que ocorrem no rosto, oriundas do aumento da melanina) e não possui origem etimológica comum com a *penca* de origem vegetal.

<sup>8</sup> Penca: s.f. 1. variedade de couve, de folha relativamente grossa, com caule curto e talos carnudos, muito apreciada em culinária; 2. folha grossa e carnuda de alguns vegetais; 3. (popular) nariz grande; 4. (popular) embriaguez (DICIONÁRIO DE LÍNGUA PORTUGUESA, 2017).

g) *sabugo*

O item lexical *sabugo*<sup>9</sup> apresentou no TLPGP um lema no Brasil, dois lemas em Portugal e três lemas na Galícia. Brasil e Portugal apresentaram acepção ligada à atividade agropastoril, especificamente relacionada à anatomia do milho. Em Portugal e na Galícia tivemos acepções ligadas à fisiologia anatômica do corpo humano, como “a parte interior e mole do osso” (CARVALHO, 1974) e a parte “carnosa e delicada que está debaixo das unhas das pessoas” (LOUREDO RODRÍGUEZ, 2012), além da acepção relacionada à anatomia de animais, como a vaca (CASTRO CASTEDO, 1986, p. 69). Vejamos o detalhamento de cada uma das acepções no quadro a seguir:

Quadro 7 – Acepções registradas no TLPGP para o item lexical *sabugo*.

<i>Sabugo</i>	
Brasil	O que sobra quando se retira os grãos do milho. (DIAS, 2015)
Galícia	Parte carnosa debaixo das unhas das pessoas (LOUREDO, 2012); O que resta do chifre da vaca mocha (CASTRO CASTEDO, 1986, p. 69); Árvore que produz uma flor em forma de sombrinha (GARCIA, 1971, p. 67)
Portugal	Interior da espiga do milho (BAPTISTA, F., 1970, p. 666) e a parte interior mole do osso (CARVALHO, 1974, p. 571)

Fonte: Álvarez (2017).

Tivemos, na Galícia, duas acepções distintas das demais, como “corno que lle qued' à baca mocha” (CASTRO CASTEDO, 1986, p. 69) e a “árbol que bota unha flor blanca en forma de sombrilla” (LOUREDO, 2012), uma ligada à atividade agropastoril e a outra ligada à botânica, por se tratar de uma espécie de “arbusto caprifoliáceo” que apresenta uma “flor branca”. No Dicionário da Real Academia Galega (DRAG, 2012), o étimo *sabugo* possui acepções semelhantes ao que foi registrado no TLPGP.

## Considerações finais

Este trabalho, de cunho experimental e qualitativo, mostrou uma visão comparativa entre o léxico do campo semântico agropastoril registrado na ferramenta do *Tesouro do Léxico Patrimonial Galego e Português* (TLPGP), projeto capitaneado pelo Instituto da Língua Galega, da Universidade de

<sup>9</sup> Sabugo: s.m. 1. Parte do dedo onde se prende a unha; 2. Agricultura. Espiga de milho sem grãos; 3. Botânica. Medula dos caules e ramos de certas árvores; 4. Zoologia. Parte interior, pouco resistente, dos chifres dos animais; 5. Zoologia. Base em que se assenta a cauda dos animais (AULETE, 2019).

Santiago de Compostela e que agrega pesquisadores de universidades do Brasil e de Portugal, além daqueles oriundos da própria universidade galega.

Ao longo do trabalho, foi possível colocar lado a lado as acepções registradas em obras catalogadas do Brasil, Portugal e Galícia. É importante frisar que com o aumento quantitativo de dados (variantes) inseridos na base de dados, também aumenta a possibilidade de ampliação do leque comparativo de variantes, lemas e acepções, o que futuramente gerará trabalhos de maior envergadura.

A análise dos dados mostrou que há determinadas variantes que apresentam acepções semelhantes e outros itens lexicais que apresentam acepções diversas. Os itens lexicais *angu*, *canga* e *moringa* apresentaram acepções convergentes. Já os itens lexicais *espiga*, *paneiro*, *penca* e *sabugo* seguiram caminho diferente, com significativas divergências entre as acepções registradas, o que demonstra o caráter cada vez mais polissêmico de determinados itens lexicais.

Do ponto de vista etimológico, apenas a variante *angu* apresentou origem em outro léxico patrimonial, no caso, o léxico de origem africana, incorporado por meio de empréstimo linguístico ao léxico português. Esses resultados qualitativos demonstram a importância da ferramenta do TLPGP, pois sem o uso desse tipo de ferramenta seria humanamente impossível comparar trabalhos de natureza lexical de fontes diversas, além da possibilidade de mapear a ocorrência de determinada variante nos países que integram o projeto.

## Referências bibliográficas

- ÁLVAREZ, Rosario. **Notas lingüísticas e etnográficas de Ramirás**. Memoria de Licenciatura, Universidade de Santiago de Compostela, 1974.
- ÁLVAREZ DE LA GRANJA, María; NEGRO ROMERO, Marta. O processo de lematização no Tesouro do léxico patrimonial galego e português. In: ALTINO, Fabiane Cristina; MILANI, Gleidy Aparecida Lima; RODRIGUES, Rosa Evangelina Santana Belli. (Coords.). **Anais do III CIDS: Congresso Internacional de Dialectologia e Sociolinguística**. Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2015.
- ÁLVAREZ, Rosario. (Coord.). **Tesouro do léxico patrimonial galego e portugués**. Santiago de Compostela, Instituto da Lingua Galega. Disponível em: <<http://ilg.usc.es/Tesouro>>. Acesso em: 11 de nov. de 2017.
- ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de; MENEZES, Cleusa Bezerra de. **Atlas lingüístico da Paraíba**. Brasília: UFPB; CNPq, Coordenação Editorial, 1984.
- ARAÚJO GARCÍA, Teresa *et al.* **Vilariño de Conso: paisaxe e tradición**. Ourense, Deputación Provincial, 2006.
- AULETE, Caldas. **Aulete Digital: dicionário contemporâneo da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Lexicon, 2012. Disponível: <<http://www.aulete.com.br/espiga>> em Acesso em 16 de ago. de 2019.
- BAPTISTA, Cândida da Saudade Costa. **O falar da Escusa**. Dissertação de Licenciatura. Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, Lisboa, 1967.
- BAPTISTA, Maria de Fátima Freitas. Ilha do Faial (Açores). **Contribuição para o estudo da sua linguagem, etnografia e folclore**. Dissertação de Licenciatura. Universidade de Coimbra, Coimbra, 1970.
- BRAGA, Franklim Costa. Quadrazais. **Etnografia e Linguagem**. Dissertação de Licenciatura. Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, Lisboa, 1971.
- CALDEIRA, Maria Arlete Fernandes. **O falar dos pescadores de Sines**. (Notas etnográficas, lingüísticas e folclóricas). Dissertação de Licenciatura. Universidade de Lisboa, Lisboa 1959-60.
- CARVALHO, Maria Filomena de Andrade Saraiva de. **Linguagem e folclore do concelho da Mêda (distrito da Guarda)**. Algumas notas sobre a linguagem da mulher. Dissertação de Licenciatura em Filologia Românica. Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra, Coimbra, 1974.
- CASTRO CASTEDO, Xosé Manuel. **O galego en Queizán (O Corgo)**. Memoria de Licenciatura, Universidade de Santiago de Compostela, Santiago de Compostela, 1986.

- CASTRO IGLESIAS, David Francisco. **O noso idioma galego ancestral**. 2010. Disponível em: <[http://musicadaterragalega.blogspot.com.es/2013/08/o-noso-idioma-galego-ancestral\\_5.html](http://musicadaterragalega.blogspot.com.es/2013/08/o-noso-idioma-galego-ancestral_5.html)>. Acesso em: 11 de nov. de 2017.
- COROMINAS, Joan. **Diccionario Etimológico de la Lengua Castellana**. Madrid: Editorial Gredos, 1987.
- CORRÊA, Lucelino Rondon. **Glossário Pantaneiro**. Campo Grande-MS: Ed. UNIDERP, 2001.
- DIAS, Marcelo Pires. **Banco de Dados do Atlas Geossociolinguístico Quilombola do Nordeste do Pará (AGQUINPA)**. Santiago de Compostela, Instituto da Lingua Galega, 2015.
- DRAG/DICIONARIO DA REAL ACADEMIA GALEGA. **Diccionario da Real Academia Galega**. A Coruña: Fundación Barrié, 2012. Disponível em: <<https://academia.gal/diccionario>> Acesso em 15 de ago. de 2019.
- LINO, Fádua Maria Moisés. **Aspectos linguísticos da fala de Cândido de Abreu: um estudo geossociolinguístico**. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Letras, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2000.
- LOPES, Nei. **Novo Dicionário Bantu**. 2ª edição. Rio de Janeiro: Pallas, 2012.
- LÓPEZ FACAL, Susana. Notas etnolingüísticas de Toba (Cee). **Verba** 2, 237-293, edición de Id. (1968): Fala e cousas de Toba. Memoria de licenciatura, Universidade de Santiago de Compostela, Santiago de Compostela, 1975.
- LÓPEZ FERNÁNDEZ, Jesús. **Vocabulario de Novefontes**. Contribución a un estudio lingüístico. Memoria de Licenciatura. Universidade de Santiago de Compostela, Santiago de Compostela, 1969.
- LOUREDO RODRÍGUEZ, Eduardo. **Contribución ao estudo da variación léxica no concello de Leiro**. Traballo Académico Dirixido. Universidade de Santiago de Compostela, Santiago de Compostela, 2012.
- MATOS, Alessandra Vasconcellos. **Vocabulário Semi-sistemático da terminologia do Caranguejo**. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Letras, Universidade Federal do Pará, Belém, 2001.
- NETTO, Maria Teresa de Mendonça Lino. **A linguagem dos pescadores e lavradores do concelho de Vila do Conde**. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra, Coimbra, 1945, [ed. id. (1949): A linguagem dos pescadores e lavradores do concelho de Vila do Conde, Separata de Revista Portuguesa de Filologia, vols. I e II].
- NUNES, João da Cruz. **Os falares da Calheta, Arco da Calheta, Paúl do Mar e Jardim do Mar**. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, Lisboa 1965.
- PEREIRA, Maria Palmira da Silva. Fafe. **Contribuição para o estudo da linguagem, etnografia e folclore do concelho**. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Letras, Universidade de

- Coimbra, Coimbra, 1949. [ed. id. (1952) Fafe. Contribuição para o estudo da linguagem, etnografia e folclore do concelho, Separata de Revista Portuguesa de Filologia, vols. III, IV e V].
- PIZOLATO, Tania Mara de Podestá. **Esboço de um atlas lingüístico de Centenário do Sul**. Monografia de Especialização em Língua Portuguesa. Faculdade de Letras, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 1997.
- REZENDE, Maria Ângela Leotte. **Canhas e Câmara de Lobos. Estudo etnográfico e lingüístico**. Dissertação de Licenciatura. Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, Lisboa, 1961.
- ROMANO, Valter Pereira. **Atlas geossociolingüístico de Londrina: um estudo em tempo real e tempo aparente**. Dissertação de Mestrado em Estudos da linguagem. Faculdade de Letras, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2012.
- SALGUEIRO, Mariana de Lourdes. **Contribuição para um estudo lingüístico-etnográfico de quatro aldeias: S. Mamede de Riba-Tua, Safres, Amieiro e Franzilhal, pertencentes ao concelho de Alijó**. Dissertação de Licenciatura em Filologia Românica. Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra, Coimbra, 1945.
- SILVA, Maria Celeste Lopes dos Reis Marques da. **Vila Nova de Ourém**. Contribuição para o estudo lingüístico, etnográfico e folclórico do concelho. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra, Coimbra, 1972.
- TABOADA, Manuel. **Vocabulario y notas folclóricas de la Mezquita**. Memoria de Licenciatura, Universidade de Santiago de Compostela, Santiago de Compostela, 1971.
- TONIOLO, Ennio José. **Vocabulário de Tibagi**. Fundação Faculdade Estadual de Ciências Econômicas de Apucarana, Apucarana 1981.
- VIEIRA, Carolina Lucília da Silva. **A olaria no distrito de Braga**. Estudo lingüístico-etnográfico. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra, 1960.